

# Paulo Freire, um filósofo humanista

JOSÉ AMÉRICO DIAS

*(Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero e  
secretário de Comunicação de Mauá, SP)*

Com a morte de Paulo Freire, aos 75 anos, no começo do mês de maio, o Brasil perdeu não só o seu mais notável educador, como um dos seus maiores filósofos humanistas. Ele certamente não iria concordar com esta definição de bate-pronto, seja pela modéstia, seja pela preocupação que sempre o marcou de fugir de rótulos e conceitos genéricos, que às vezes servem mais para esconder do que para mostrar o real sentido das coisas. Mas como definir de modo mais preciso um homem que durante meio século refletiu, trabalhou e principalmente sonhou com a libertação das trevas da ignorância, os milhões de brasileiros analfabetos ou semi-alfabetizados que vivem marginalizados do progresso e de qualquer noção de cidadania?

A sua profunda convicção humanista certamente precedeu a do educador e foi por isso que ele pôde desenvolver um método de alfabetização calcado numa excepcional fé no ser humano, mais especificamente no analfabeto, figura que os políticos tradicionais sempre trataram como massa de manobra e para quem a esquerda (na qual Paulo Freire se incluía sem nenhum pejo, mas com muita paciência e generosidade) poucas vezes conseguiu ir além das boas intenções ou de uma profunda perplexidade.

O caminho genial de Paulo Freire foi adotar um método de alfabetização que parte do reconhecimento do quadro de referências do "alfabetizando", como ele gostava de denominar o aluno analfabeto, para realizar um processo de aprendizado, em que educador e educando exercem seus papéis numa linha de reciprocidade - o primeiro aprendendo enquanto ensina e o segundo descobrindo o seu próprio universo - e sua consciência do mundo - durante a alfabetização. Este respeito à liberdade do educando nunca significou perda de eficiência ou demora no processo de aprendizagem. Ao contrário, do ponto de vista estrito do conhecimento do ato de ler e escrever, o seu método supera de longe os sistemas tradicionais, como já foi demonstrado à sociedade no Brasil, Chile e em países da África, onde Freire trabalhou, a magistral experiência-piloto realizada em Angicos, no Pernambuco, no início dos anos 60, com a alfabetização de 300 trabalhadores rurais em apenas 45 dias.

O mais importante, contudo, está na educação como fator de tomada de consciência, como capacidade de crítica, portanto, como instrumento de intervenção e de transformação do meio em que se vive; na recuperação

do sentido autêntico da palavra e no papel essencial do diálogo e da comunicação entre as pessoas, em oposição ao seguidismo, à manipulação e à relação autoritária entre quem faz e quem manda.

A reflexão sobre as idéias de Paulo Freire é absolutamente indispensável na presente conjuntura, não só porque o Brasil continua convivendo com milhões de analfabetos e marginalizados dos direitos de cidadania, mas porque o seu humanismo significa uma linha de resistência contra a irracionalidade de uma suposta modernidade, baseada no consumismo, no autoritarismo e na alienação. A reflexão crítica, a análise do passado histórico para a compreensão do presente e projeção do futuro e o ideal de transformação do mundo são considerados hoje, peças de arqueologia. A recuperação do sentido essencial da comunicação humana, como instrumento para a formação da consciência, é um contraponto mais do que oportuno para esta visão de mundo cínica e ideologizada, em favor de uma sociedade verdadeiramente democrática, onde cada cidadão possa ser o agente de seu próprio destino.